

## A verdade em Nietzsche: a aporia das convenções

JUNIOR CUNHA<sup>1</sup>

Para que possamos compreender o tema abordado por Nietzsche no ensaio que aqui analisaremos – a saber, *Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral*<sup>2</sup> –, é de suma importância atentar em que contexto histórico ele está inserido e no qual foi escrito. É válido considerar que Nietzsche era filho e neto de pastores e, muito provavelmente, teria se tornado pastor se não tivesse rompido com a tradição familiar e cursado filologia ao invés de teologia (como já estava a cursar). O filósofo alemão desde cedo imprimiu sua própria marca na filosofia – a começar por suas primeiras obras, e aqui destaco *as Considerações Extemporâneas* que ele mesmo em *Ecce Homo* descreve como sendo “[...] integralmente guerreiras. Elas [as *Considerações Extemporâneas*] demonstram que eu não era nenhum ‘João Sonhador’, que me diverte desembainhar a espada – e talvez também que tenho o punho perigosamente destro” (1995, p. 45). Nietzsche, um veemente defensor da extemporaneidade, sempre alegava estar à frente de seu tempo e que todos (principalmente, a cultura cristã e a alemã) deveriam se desprender dos valores que as aprisionam.

Reflexo de seu espírito extemporâneo, o ensaio aqui trabalhado é fruto de sua juventude – escrito em 1973, mesmo ano em que escreve e publica sua primeira extemporânea: *David Strauss, o crente e o escritor* – e, embora, ainda não traga conceitos bem estruturados deixa à vista resquícios do que viria a ser sua *summa philosophica* – *Der Wille zur Macht*<sup>3</sup>. Contudo, neste ensaio Friedrich Nietzsche aborda uma discussão que não é só oriunda de seu período histórico, mas também carrega consigo uma tradição desde os gregos, para ser mais específico: o vínculo entre dizer a verdade, isto se pautando no real (algo que gera enormes discussões e, por conta disto, não abordaremos no presente texto), e a correlação do real com o que é dito, isto sendo verdade ou não. Logo, o universo conceitual versado no ensaio e que tangencia o presente texto será a verdade, a mentira, a moral, o intelecto e quiçá o mais importante, o impulso à verdade.

Visando a melhor compreensão do sentido de verdade que abarcaremos doravante, é necessário antes definir o que é verdade em seu sentido comum e desvencilhar-se desse tal sentido. Longe de ser adotado em seu sentido grego<sup>4</sup> a

---

<sup>1</sup> Graduando do curso de licenciatura em Filosofia e bolsista do Projeto Teatro em Ação na Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: juniorlcunha@hotmail.com

<sup>2</sup> NIETZSCHE; Friedrich. *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*. Trad. Rubens Torres Filho. In: Antologia de Textos Filosóficos. org. Jairo Marçal. SEED - Curitiba-PR, 2009. p. 530-541.

<sup>3</sup> Devido as divergências de traduções do conceito alemão nietzschiano *Der Wille zur Macht*, que por alguns é traduzido por *vontade de poder*, e por outros de *vontade de potência*, adotamos seu uso na forma original.

<sup>4</sup> Para os gregos *alétheia*, que significa desvelamento, mostrar-se, é o ente em seu vigorar, isto é, aquilo que é e se mostra.

verdade ao longo das tradições filosóficas (e também no senso comum) ganhou a conotação de sinônimo de real, no entanto, a verdade como premissa filosófica está para além do que se possa discursar e, por isso, todo esforço de obtenção da verdade enquanto essência por meio da linguagem está fadado ao fracasso. Isso, porém, não nos tira a possibilidade de descrevermos o real, como efetivamente fazemos, via uso da linguagem, contudo, essa descrição é sempre representativa e, por conta disso, não é a verdade/*alétheia*. Logo, a pretensão deste texto não é dizer ou mostrar o que é a *alétheia*, mas, questionar o modo como adotamos a descrição do real como sendo *alétheia*.

O caminho pelo qual conduziremos nossa discussão fundamenta-se, sobretudo na ideia de intelecto trazida por Nietzsche em seu ensaio. Já no primeiro parágrafo de seu texto, Nietzsche o descreve como sendo algo “lamentável, [...] fantasmagórico e fugaz, [...] sem finalidade e gratuito [...] dentro da natureza” (2009, p. 530) e, ainda, complementa no segundo parágrafo “[o intelecto é] concedido apenas como meio auxiliar aos mais infelizes, delicados e perecíveis dos seres, para firmá-los um minuto na existência” (2009, p. 531). Entendido pelo filósofo supracitado como sendo algo natural ao homem, o intelecto é o meio pelo qual o indivíduo conserva a sua existência e, ademais, é o *pathos* que o faz se considerar o centro do universo. Visto que os animais possuem chifres e garras para lutar por sua sobrevivência, o indivíduo dispõe do intelecto, no entanto, este carrega consigo “o engano, o lisonjear, mentir e ludibriar, o falar-por-trás-das costas, o representar, o viver em glória de empréstimo, o mascarar-se, a convenção dissimulante, o jogo teatral diante de outros e diante de si mesmo, em suma, o constante bater de asas em torno dessa *única* chama que é a vaidade” (2009, p. 531), de onde surge o impulso à verdade.

Visto que o impulso a verdade provém do intelecto – que para o indivíduo garante sua conservação –, ele é para o indivíduo sua consciência, garantindo-lhe a fantasia de alto conhecimento. Reputando que o indivíduo não encontra significações ao olhar o mundo a sua volta e diante a incerteza, frente ao não saber, a dúvida cruel e consumidora de não conhecer o que se é, o impulso a verdade dá ao indivíduo o alívio de ter sentido a sua existência. Entretanto, isso torna-se rele quando o indivíduo, tomado pelo tédio da existência, nota a necessidade de viver socialmente, contudo, diante ao orgulho que cada um produz de si mesmo como superar a *Bellum omnia omnes*<sup>5</sup>?

Como remédio à *Bellum omnia omnes* o indivíduo precisa e formulará um tratado de paz, que “traz consigo algo que parece ser o primeiro passo para alcançar aquele enigmático impulso à verdade” (NIETZSCHE, 2009, p. 532), isto é, a criação da linguagem junto de suas leis e designações universalizadas e convencionadas. Disto, o que é “verdade”<sup>6</sup> pela primeira vez é definido e em contraste ao que é mentira.

---

<sup>5</sup> Guerra de todos contra todos (conceito de Thomas Hobbes-vide a obra *Leviatã*)

<sup>6</sup> Verdade no sentido convencionado.

Doravante, o indivíduo tem a obrigatoriedade de em seus discursos dizer a “verdade” e, não só isso, em consonância com aquilo ao qual diz. Nisso, a verdade ganha o sentido do que é bom e o que provir dela também o será, enquanto a mentira será o seu oposto. Logo, quem adotar fazer uso de mentiras, que podem ser tanto arbitrárias ou por erro do uso das convenções, será visto com maus olhos e arrisca-se a ser expulso da sociedade.

Precisamos, então, antes de prosseguirmos, entender o peso que a exclusão tem para o indivíduo. Herança do tratado de paz, se tem por boa vida e como melhor forma de viver, a vida em coletivo; a seguridade e o sentimento de inclusão somados a ideia de sentidos para viver garantidos pelo coletivo dá ao indivíduo não só a certeza de que é melhor viver em coletivo, como o cativa a isso. Logo, os indivíduos não temem a mentira, mas, as consequências de se praticá-la.

E se às mentiras são atribuídas consequências e estas vistas como negativas, à verdade não poderia ser diferente e, novamente, se enquadra no campo oposto da mentira. Convencionado então que a mentira é hostil, enganadora, e degradante, os indivíduos a evitaram a qualquer custo devido ao que se acredita ser suas consequências, o engano. Já a verdade será vista como algo de fundamental na preservação do social, pelo seu valor benéfico e por suas consequências supostamente agradáveis. O indivíduo, então, não teme a mentira, mas, suas consequências, e muito menos aprecia a verdade, mas, suas consequências. Se então, houver uma verdade que traga consigo efeitos indesejáveis, ela não só será temida, como também evitada.

Pode, então, convenções linguísticas darem conta do que é a verdade? Do que a verdade é fruto? A verdade é, e pode sempre ser adequação ao real? A verdade são palavras? O que são palavras? Todas essas questões já sugerem o quão difícil é para o indivíduo dizer o que é a verdade, e quem dirá então que o indivíduo já deteve ou conseguiu dizer o que é a *alétheia*. “Somente por esquecimento pode o homem alguma vez chegar a supor que possui uma ‘verdade’” (NIETZSCHE, 2009, p. 533), esquecimento que se diz o que verdade é através da linguagem, que por sua vez é resultado de convenções humanas para tornar possível e conservar o coletivo. Fazer da linguagem a gênese da verdade é concluir que a verdade é por si só mentirosa. A linguagem é, sobretudo, fruto não só do conhecimento, como também de estímulos tanto emocionais, como sensoriais e, então, se dissermos que uma pedra é dura, como definir o que é pedra? E quanto ao que é duro? Temos plena certeza do que seja o “duro” ou não passa de uma impressão subjetiva?

Ainda não sendo suficiente afirmar com falsas certezas o que são os entes, ousamos classificar tudo e, mais, atribuímos quais são suas propriedades, sem nos lembrarmos de que todo esse nosso esforço não passa de arbitrariedades buscando significados e sentidos não só para nossa existência, como também para o real; subjulgamos a verdade e a ditamos a nossos próprios moldes e interesses. A coisa-em-

si não mais interessa quando temos a convicção de que somos detentores da verdade. “As diferentes línguas, coladas lado a lado, mostram que nas palavras nunca importa a verdade, nunca uma expressão adequada: pois senão não haveria tantas línguas.” (NIETZSCHE, 2009, p. 533).

Para Nietzsche, a construção da verdade então não passa de metáforas, “Um estímulo nervoso, primeiramente transposto em uma imagem! Primeira metáfora. A imagem, por sua vez, modelada em um som! Segunda metáfora” (2009, p.534). O conhecimento, portanto, seja do cientista ou do filósofo por mais que relutem em aceitar e insistam dizer que possuem conhecimento do que é a verdade, não passa de fabulações e representações da coisa-mesma que, por sua vez, está velada no mistério do mostrar-se e não explicar-se. O que faz de nós meros espectadores de seu esplendor, e reprodutores desautorizados e imprecisos de sua essência enquanto tal.

E se a verdade construída através de palavras é fruto de nossa mediocridade, o que podemos dizer dos conceitos e de suas formulações? Antes definiremos o que para Nietzsche é um conceito (NIETZSCHE, 2009, p. 533):

Toda palavra torna-se logo conceito justamente quando não deve servir, como recordação, para a vivência primitiva, completamente individualizada e única, à qual deve seu surgimento, mas ao mesmo tempo tem de convir a um sem-número de casos, mais ou menos semelhantes, isto é, tomados rigorosamente, nunca iguais, portanto, a casos claramente desiguais. Todo conceito nasce por igualação do não-igual.

Diante ao excerto exposto e para compreensão do problema da construção dos conceitos, adotaremos os exemplos utilizados pelo próprio Nietzsche em seu ensaio: 1) é claramente perceptível que uma folha é raramente igual a outra, entretanto, insistimos em chamar tudo o que compreendemos por folha de folha, ignorando suas diferenças e particularidades. O que é “folha” então, se não conseguimos atribuir um único objeto do real como sendo “folha”? E muito pelo contrário intitulamos diversos entes como sendo folha. Sendo assim, ou há um modelo de folha primordial e que todas as outras são moldadas por ela, e o que também exigiria que todos os indivíduos tivessem conhecimento do tal modelo ou, então, não sabemos o que é folha e somente adotamos tal designação por concordância a uma mera convenção adotada coletivamente; 2) dizemos que um homem é honesto, mas se perguntarmos por que ele é honesto, diremos que é porque age com honestidade. Porém, ao contrário da folha que é possível pensar que há uma forma de folha, como pensar em uma forma de honestidade? Definimos como honestidade um conjunto de ações que julgamos merecerem a designação de honesta, como então estabelecer um modelo ideal e pleno de honestidade? Logo, nos resta crer que adotamos tal designação por concordância a uma mera convenção adotada coletivamente.

Tudo o que fizermos, então, para definir o que é a verdade ou um conceito,

ficará no campo das convenções linguísticas, pois, a verdade deve carregar em si mesma a verdade enquanto que nós, ao tentar dizê-la, depositamos seu fundamento sempre em algo subjacente, assim, cremos que folha é folha por ser semelhante a forma de folha. E que a honestidade é honestidade por ser semelhante ao que compreendemos por honesto. Sem perceber, caímos em um paradoxo por nem mesmo dizermos o que é a verdade, e nem mesmo conhecê-la em sua essência. Nisto Nietzsche, sobre a verdade em que convencionamos, diz o seguinte (2009, p.535):

O que é a verdade, portanto? Um batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, enfim, uma soma de relações humanas, que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões, das quais se esqueceu que o são, metáforas que se tornaram gastas e sem força sensível, moedas que perderam sua efigie e agora só entram em consideração como metal, não mais como moedas.

Definido então o que é a “verdade” nos resta compreendermos de onde provém o impulso à verdade. Adotado como refúgio diante ao espanto que é existir, o impulso à verdade não só dá ao homem a consciência, como também lhe dá o sentimento da moralidade. O estímulo aparentemente inconsciente de buscar a verdade lhe toma e o faz crer que a verdade não só condiciona e conserva o coletivo como também lhe é o bem, e atingi-la, digo a verdade, é uma premissa existencial.

Devido a moralidade que tomou conta do indivíduo, a mentira e o mentiroso não serão mais somente combatidos por seu efeito consequencial negativo, mas, porque a mentira, e viver na mentira será adotado como um modo de vida errôneo. O que era antes a luta pela conservação do coletivo, passa a ser a luta para ser parte do coletivo. Diferenciando-se dos animais, exatamente pelo uso de metáforas, o ser humano adotará as suas verdades convencionadas como condição de sua existência e, ademais, precisa dar sentido à ela para que possa se aceitar e, então, compor o coletivo.

## Referências

GRANIER; Jean. *Nietzsche*. trad. Denise Bottmann. Porto Alegre: Ed. L&PM, 2013.

JUNIOR; Antonio Barros de Birto. Signo, metáfora e verdade, a partir de “sobre verdade e mentira no sentido extra-moral”. *Revlet* – revista virtual de letras volume 1, número 1.UFG.2009.p.174-186.Disponível em: <<http://www.revlet.com.br/artigos/34.pdf>>. Acesso em: 12/12/16.

MACHADO; Roberto. *Nietzsche e a Verdade*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1999, p. 75-81.

MARTON; Scarlet. Por uma genealogia da verdade. *Revista Discurso*. São Paulo: USP. nº 09. 1978.p.63-80.

MONTEIRO; Átila. A Verdade como Dissimulação em Nietzsche. *Existência e Arte* – Revista

Eletrônica do Grupo PET – Universidade Federal de São João Del-Rei – ANO VIII – Número VII – 2012.p.36-45.Disponível em: <[http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/existenciaearte/A\\_Verdade\\_como\\_Dissimulacao\\_em\\_Nietzsche.pdf](http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/existenciaearte/A_Verdade_como_Dissimulacao_em_Nietzsche.pdf)

>. Acesso em: 12/12/16.

NIETZSCHE; Friedrich. Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral. Trad. Rubens Torres Filho. In: MARÇAL, Jairo (org.). *Antologia de Textos Filosóficos*. SEED: Curitiba-PR, 2009, p. 530-541.

\_\_\_\_\_. *Ecce Homo*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Ed. Schwarcz Ltda, 1995.

PASCHOAL; Antonio. Entre a verdade e o impulso à verdade: apresentação ao ensaio de Nietzsche “Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral” In: MARÇAL, Jairo (org.). *Antologia de Textos Filosóficos*. SEED: Curitiba-PR, 2009, p. 517-528.

Submissão: 27.04.2017 / Aceite: 03.06.2017